



Feminismo em marcha: reflexões feministas em Palmyra Wanderley (1914-1928)

Ms. Maiara Juliana Gonçalves da Silva*

Esta pesquisa surgiu de uma inquietação nascida durante a realização do meu estudo no Programa de Pós-graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). No decorrer da empreitada do mestrado, analisei a vida intelectual natalense no período de 1889 a 1930. Definimos como intelectuais os indivíduos que produziram algum tipo de literatura na capital norte-rio-grandense, constituindo-se como produtores, mediadores e criadores culturais. Durante as primeiras décadas da construção do regime republicano, o movimento intelectual na cidade do Natal se intensificou. Em meio às variadas vozes que compunham tal ambiente intelectual, passei a identificar a emergência de vozes outrora silenciadas: a das mulheres intelectuais da cidade do Natal. Entre elas lá estava o discurso da escritora Palmyra Wanderley (1894 – 1978).

Palmyra Guimarães Wanderley destacou-se no meio intelectual potiguar por meio de suas poesias e de sua atuação na imprensa. A escritora, desde cedo, parecia ter trilhado os caminhos da família “Wanderley”, uma família de intelectuais consagrados no estado. No entanto, neste trabalho buscamos dar ênfase à vida pública da jovem intelectual trilhada antes da sua consolidação no cenário literário norte-rio-grandense através dos seus livros *Esmeraldas* (1918) e *Roseira Brava* (1929). Antes mesmo da publicação dos seus livros, Palmyra Wanderley enveredou pelo campo jornalístico, realizando o anseio de uma geração de mulheres dispostas a contribuir intelectualmente com a fundação da primeira revista feminina impressa do estado, a *Via-Láctea*, de onde disseminou escritos acerca da educação e da emancipação da mulher.

UMA INTENSA VIDA SOCIAL: A PRESENÇA DE PALMYRA WANDERLEY NOS ESPAÇOS PÚBLICOS POTIGUARES

Em fins do século XIX e nas quatro primeiras décadas do século XX, Natal vivenciou um período de transformações materiais e culturais que delineavam um novo modelo de organização do espaço urbano. Os indícios de desenvolvimento urbano podem ser percebidos no início do século XX, por meio dos projetos de urbanização e de higienização elaborados na capital norte-rio-grandense. Nas primeiras décadas do século XX, a cidade ganhou novos ambientes. Vieram os clubes, os cafés, os cinemas, a iluminação elétrica e o transporte por

* Maiara Juliana Gonçalves da Silva é mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Atualmente é professora da disciplina de História na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – campus Jundiá e no Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Contato: maiara_juliana@yahoo.com.br

bondes elétricos que conferiram uma nova feição à cidade do Natal. Segundo o historiador Raimundo Arrais, mesmo que classificada como uma capital sediada em uma cidade pequena, Natal não se mostrou indiferente às ideias que circulavam no mundo¹. A capital norte-rio-grandense foi aos poucos assimilando o espírito de vida moderna, do novo, de progresso referentes ao discurso que contaminava o Brasil durante o regime republicano.

O desejo de progresso e de civilização não passou indiferente em Natal, uma vez que tal discurso, influenciado pelas correntes científicas e filosóficas de fins do século XIX, foi capaz de estimular as transformações sociais e físicas empreendidas na urbe. Durante o período da Primeira República identificamos um grupo de intelectuais atuando na capital norte-rio-grandense. Esses indivíduos reservavam parte do seu tempo à produção literária. Homens e mulheres que produziram crônicas, poesia, romances, contos, peças de teatro, estudos científicos, críticas, ensaios monográficos, entre outros gêneros. Esses indivíduos, que se automeavam de literatos, delinearão o universo das letras potiguares.

Identificamos entre o conjunto de intelectuais potiguares, o nome de algumas mulheres que participavam da construção do âmbito literário da capital, entre elas: Palmyra Wanderley, Carolina Wanderley, Sinhazinha Wanderley, Auta de Souza, Isabel Gondim, Anna Lima, entre outras. A presença feminina identificada no espaço literário natalense nos leva a conjecturar uma “invasão” da mulher no espaço público nas primeiras décadas do século XX. Essa tendência parecia acompanhar um movimento nacional, no qual as mulheres passavam a ocupar espaços que antes lhe eram negado. Para àquelas que se lançaram na escrita, estas passavam a se deparar com a possibilidade de uma escrita pública, saindo da condição anterior que dizia respeito ao exercício da arte de escrever realizado no refúgio do âmbito privado, seu lar.

Palmyra Guimarães Wanderley nasceu no dia 06 de agosto de 1899 na cidade de Natal. Era filha do desembargador Celestino Carlos Wanderley e da escritora Ana de Freitas Guimarães Wanderley. Como podemos perceber ao relatar a sua filiação, Palmyra Wanderley pertencia a importante família Wanderley². A jovem escritora era neta de Luiz Carlos Lins

¹ ARRAIS, Raimundo *et. al.* *Corpo e alma da cidade do Natal entre 1900 a 1930*. Natal: EDUFRN, 2008. p. 27.

² A família Wanderley, natural da cidade de Assú, teve importante atuação na história da capital do Rio Grande do Norte. O primeiro membro da família a se destacar foi João Carlos Wanderley (1811-1899). Ainda no período imperial, João Carlos Wanderley ocupou notáveis cargos públicos na província, entre eles: chefe do partido liberal, deputado provincial, secretário do governo; deputado geral; inspetor do Tesouro e vice presidente de Província. Apesar dos ilustres cargos, João Carlos Wanderley também se destacou em sua atuação na imprensa da capital potiguar. Com o passar dos anos, a família Wanderley foi aumentando. João Carlos Wanderley tratou de casar a sua filha, Francisca Carolina Wanderley, com Luiz Carlos Lins Wanderley (1831-1890), responsável

Wanderley, o primeiro médico norte-rio-grandense, formado pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1856. Em 25 de julho de 1858, o jovem médico casou-se, em primeiras núpcias, com Francisca Carolina Wanderley. Do casamento gerou os frutos: Luiz Carlos Wanderley Filho, Manoel Segundo Wanderley, Celestino Wanderley (pai de Palmyra), Ezequiel Wanderley, Maria Carolina Wanderley e João Carlos³. O casamento proveitoso entre Luiz Carlos Lins Wanderley e Francisca Carolina Wanderley gerou quatro intelectuais de importante atuação no campo literário potiguar: Manoel Segundo, Ezequiel, Celestino e Maria Carolina – conhecida como “Sinhazinha”. Além das suas netas: Palmyra e Carolina Wanderley⁴.

Palmyra, filha entre dez irmãos, iniciou seus estudos de primeiras letras no ano de 1902 no Colégio da Imaculada Conceição (CIC), exclusivos para as moças potiguares. De acordo com Luís da Câmara Cascudo, nesse período, a cidade do Natal possuía duas escolas destinadas à educação feminina: o mencionado CIC e o colégio Nossa Senhora das Neves, ambos de orientação católica⁵. Deste modo, Palmyra foi inserida nos moldes da educação descrita por Guacira Louro Lopes destinada à mulher: “para as filhas de grupos sociais privilegiados, o ensino da leitura, da escrita e das noções básicas de matemática, eram geralmente complementados pelo aprendizado do piano e do francês⁶”.

Palmyra Wanderley estudou no Colégio Imaculada Conceição até o ano de 1909. Segundo Isabel de Carvalho, a partir deste ano, Palmyra, suas tias e suas irmãs teriam ido estudar em Recife, no Colégio das Damas Cristãs, enquanto seus irmãos foram estudar em uma escola voltada para meninos, na mesma cidade⁷. Ainda, conforme a autora, Palmyra e seus irmãos foram para Recife em 1910 e teriam estudado naquela cidade até, pelo menos, meados de 1914⁸.

Os anos de 1914 a 1923 foram anos marcantes na vida da jovem intelectual. Ao retornar à cidade do Natal, Palmyra Wanderley contraiu noivado com o advogado, deputado

pela impressão do jornal *A Republica*, periódico do partido republicano emergente no Rio Grande do Norte. Posteriormente, a tipografia de Luiz Wanbderley foi vendida a Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, líder do supracitado partido. Mais informações: SILVA, Maiara Juliana Gonçalves da. “Em cada rua, um poeta. Em cada esquina, um jornal: a vida intelectual natalense (1889-1930). Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2014. p.157-164.

³ *Idem*.

⁴ WANDERLEY, Ezequiel. *Op. Cit.* p. 41.

⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. *História da cidade do Natal*. Natal: Fundação José Augusto, 1989.

⁶ LOURO, Guacira Lopes. Mulher na sala de aula. IN: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1997. P – 443-481.

⁷ CARVALHO, Isabel Cristine de Macedo. *Sutilezas femininas de Palmyra Wanderley*. Natal: EDunP, 2012.

⁸ *Idem*. p-34.

estadual, jornalista Moysés Soares de Araújo⁹. No entanto, fatalmente, no ano de 1923, ano em que se preparavam para o casamento, Moysés Soares morre vítima de uma cirrose no dia 06 de agosto. No mesmo dia em que Palmyra Wanderley completava 23 anos de idade. O falecimento de seu noivo repercutiu nos escritos da escritora¹⁰. Nesta época, Palmyra Wanderley já tinha se firmado como importante poetisa do estado do Rio Grande do Norte, devido à publicação de suas poesias nas páginas dos periódicos da cidade do Natal e do seu primeiro livro de versos publicado no ano de 1918 com auxílio do governo do estado do Rio Grande do Norte¹¹: *Esmeralda*.

O seu segundo livro publicado foi no ano de 1929 e representa outra fase de Palmyra. No ano de 1930, a obra *Roseira Brava* conquista menção honrosa na *Academia Brasileira de Letras* por uma comissão julgadora formada por Ademar Tavares, Olegário Mariano e Luís Carlos Guimarães. *Roseira Brava* traz um retrato lírico e espacial da cidade do Natal, tecendo em seus versos representações de bairros, praias, do rio Potengi, morros. Aqui temos uma Palmyra diferente de *Esmeralda*, há em *Roseira Brava* sentimentos poéticos, bem como um discurso sobre questões humanas e sociais. No ano de 1930, já se percebia uma Palmyra Wanderley madura e consagrada no universo literário da capital.

A vida social da escritora, que se mostrou intensa, acompanhou as mudanças na topografia da cidade do Natal. No início do século XX, os espaços públicos fervilhavam na capital do Rio Grande do Norte tornando-se verdadeiros itinerários percorridos pelos intelectuais da cidade. Cafés, bilhares, salões, conferências, redações de jornais e tipografias são exemplos de espaços nos quais grupos de letrados potiguares trocavam experiências, elaboravam, discutiam, divulgavam e faziam circular suas ideias bem como forjavam a formação de uma identidade de grupo, a partir das redes e das relações sociais ora construídas, ora conservadas nesses ambientes de sociabilidade¹².

⁹ No ano de 1922, Moysés Soares chegou a construir um sobrado para os dois, localizado na Avenida marechal Deodoro da Fonseca com a Rua João Pessoa, no bairro Cidade Alta.

¹⁰ WANDERLEY, Ezequiel. *Poetas do Rio Grande do Norte*. Natal: Fundação José Augusto, 1984.

¹¹ No ano de 1900, o governador Alberto Maranhão decretou a lei número 145, de 22 de agosto do ano corrente, em que competia ao Estado a responsabilidade de publicar as obras daqueles considerados filhos do Rio Grande do Norte. Consultar: ACTOS LEGISLATIVOS. *A Republica*. 22 ago. 1900.

¹² Trabalhamos com o conceito de *Espaços de sociabilidade intelectual* formulado por Jean François Sirinelli, consultar: SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

No interior desses ambientes, ocorreram práticas de socialização que possibilitaram a formação de círculos de amizade, a constituição de grupos, e às trocas e debates acerca das produções literárias. Palmyra Wanderley participava desses espaços durante as primeiras décadas do século XX, mantendo uma intensa vida social. Costumeiramente, se fazia presente nas reuniões, nos saraus literários, nos cafés e nos clubes que animavam as noites da capital.

Nesses espaços, a jovem declamava seus versos, realizava conferências, produzia artigos, crônicas, contos, que abordavam a condição feminina e dissertava acerca de algumas ideias emancipadoras da mulher de sua época. Durante a nossa pesquisa, também identificamos a constante presença de Palmyra Wanderley no *Natal-Club*. O clube, fundado em 22 de junho de 1906, serviu de abrigo a encontros dos intelectuais da cidade por mais de uma década. O clube foi instalado na Rua 21 de Março, número 8, no bairro da Cidade Alta, local onde funcionava a então sede do *Club Carlos Gomes*¹³. Posteriormente, o clube teve que mudar a sua sede para a Avenida Rio Branco, uma das principais ruas da cidade. A sociabilidade dentro do clube ia além da promoção de bailes dançantes na cidade do Natal. O *Natal-Club* constituiu-se como um importante ambiente que colaborou para a dinamização da vida literária no espaço urbano. Na edificação localizada na Avenida Rio Branco, os literatos potiguares reuniram-se, conversavam e promoveram literatura.

Em meio aos festejos elaborados pelo clube, a instituição propunha uma “Hora literária”, ou seja, o momento em que as festas no clube dedicavam um instante à literatura local. O momento literário era promovido pelos sócios do clube a fim de proporcionar, aos participantes, um momento de leitura, declamações de poemas e apreciações das produções literárias com a presença de alguns dos escritores do estado. Percebemos que a presença de Palmyra Wanderley nos eventos da “Hora literária” realizados em um clube que só aceitava homens como seus sócios. O *Natal-Club* era uma associação fechada a um número específico de sócios.

Serem aceitos como sócios em instituições como o *Natal-Club* foram privilégios de poucos¹⁴. Contudo, no 11º aniversário do *Natal-Club*, foi anunciado nas páginas do *Jornal A*

¹³ O *Club Carlos Gomes* respondia aos apelos de uma sociedade que ansiava por um lugar em que pudesse ser promovidos reuniões sociais e bailes dançantes. No ano de 1893, o Carlos Gomes agitava a vida natalense promovendo um salão que continha bilhar, sala de palestras, uma banda de música e uma sala de espera destinada às famílias da capital potiguar. Ver: ARRAIS, Raimundo. ANDRADE, Alenuska. MARINHO, Márcia. *Op. Cit.* p.140-141.

¹⁴ As candidaturas à associação eram examinadas por uma Assembleia Geral. Desse modo, o clube estava aberto apenas a “pessoas conceituadas, de posição social definida”. Os sócios deveriam contribuir, mensalmente, com o

Republica a presença das: “*as maviotas poetisas* Palmyra e Carolina Wanderley” ao lado de outros nomes representativos do universo literário potiguar: Galdino Lima, Ezequiel Wanderley, Ponciano Barbosa e Moysés Soares¹⁵.

Até o presente momento, o *Natal-Club* não tinha sócias mulheres, tendo as mulheres acesso ao clube por meio de seus esposos e pais. Desenvolvendo essa lógica, acreditamos que as primas Palmyra e Carolina Wanderley foram convidadas à participação nas “Hora literária” devido à condição de parentesco com Ezequiel Wanderley – sócio do *Natal-Club* desde 1906 e tio das meninas – e do noivado da jovem Palmyra Wanderley com um dos sócio-fundadores do clube, Moysés Soares.

Se por um lado, a presença de Palmyra Wanderley no *Natal-Club* se fazia possível devido às suas relações de parentescos, por outro, acreditamos que os convites dirigidos à jovem escritora também podem ser explicados pelo destaque que, no final da década de 1910, Palmyra Wanderley possuía no campo jornalístico e literário potiguar. Além do destaque, Palmyra Wanderley ainda se dedicou aos escritos de peças teatrais, operetas, hinos patrióticos e religiosos e modinhas populares. No entanto, os seus primeiros passos de uma escrita pública ocorreram no campo jornalístico durante os anos de 1914-1915 com o surgimento da Revista *Via Láctea*. Neste veículo comunicativo, Palmyra, Carolina Wanderley e suas companheiras escreveram sobre a educação e os interesses da mulher potiguar da década de 1910.

O escrito de Palmyra Wanderley não foi pioneiro na difusão de uma voz feminina potiguar sobre a emancipação da mulher no estado do Rio Grande do Norte. Há uma vasta historiografia sobre a vida de Dionísia de Faria Rocha, conhecida por *Nísia Floresta Brasileira Augusta*. Nascida em um sítio localizado em Papari – que corresponde, atualmente, ao município que leva o seu nome: Nísia Floresta –, era filha de uma moça de família rica, porém analfabeta, Antônia Clara Freire, e, do advogado e escultor português, Dionísio Gonçalves¹⁶. Ainda que não fosse pioneira, Palmyra Wanderley deu vida a um projeto de

valor de cinco mil réis, “além do pagamento inicial em joia, no valor de vinte e cinco mil réis”. Para mais informações: ESTATUTO do Natal-Club. Natal/RN: Typografia d’A República, 1909.

¹⁵ O momento dedicado à literatura no 11º aniversário do clube foi organizado com declamações de poesia dos escritores presentes no clube, a saber: Galdino Lima, Ponciano Barbosa, Palmyra Wanderley, Carolina Wanderley, e, por fim, Moysés Soares. Informação retirada de: NATAL-CLUB. *A Republica*. Natal, 9 jul. 1917.

¹⁶ Nísia Floresta casou-se aos 13 anos de idade, e deixou o marido no ano seguinte. Foi repudiada pela família por ter largado o seu marido. Devido ao assassinato de seu pai, que fugiu para Recife em 1824, Nísia teve que sustentar a mãe e os três irmãos. Aos vinte anos tornou-se professora. No ano de 1832 publicou *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*. A escritora, de posição republicana e abolicionista, ao longo de sua vida,

conquista nos primeiros anos de 1910: a participação da mulher na produção jornalística no meio intelectual potiguar.

A VIA-LÁCTEA (1914-1918) EM DEFESA DA EMANCIPAÇÃO DA MULHER

Durante o século XIX, identificamos alguns jornais e revistas dedicados ao público feminino no circuito comunicativo de períodos no Rio Grande do Norte. Todavia, estes periódicos eram publicados por homens¹⁷. Os primeiros nomes femininos nas páginas dos jornais e das revistas impressas norte-rio-grandense só apareceram no final do século XIX na revista *Oásis* (1894 – 1904), periódico do grêmio literário *Le Monde Marche* fundado pelos estudantes do colégio Atheneu Norte-riograndense. Nas páginas de *Oásis*, detectamos os nomes de Auta de Souza, Maria Carolina Wanderley (Sinhazinha), Anna Guimarães Lima (mãe de Palmyra). Essas foram as primeiras mulheres norte-riograndenses a ousarem saírem da escrita feita no espaço privado do lar para a escrita pública nos jornais e nas revistas da capital.

Já no início do século XX observamos a emergência de jornais dirigidos por mulheres¹⁸. Na verdade, esse movimento é detectado ainda no século XIX, todavia tratava-se de uma dezena de jornais manuscritos que circulavam no Rio Grande do Norte no final do século. A produção manuscrita, provavelmente, pode ser justificada pela precariedade no que diz respeito às oficinas tipográficas instaladas no Rio Grande do Norte, pelo menos até a década de 1920, aliado às condições da vida daquelas mulheres que residiam no interior do estado afastadas do centro cultural potiguar. Em contrapartida, ainda que as condições fossem as mais adversas possíveis, essas mulheres desejavam se fazer ouvir, divulgar as suas ideias, muito embora esta divulgação ocorresse por meio de páginas manuscritas.

escreveu ideias polêmicas utilizando da escrita para reivindicar igualdade e educação para as mulheres ainda no século XIX. No Rio Grande do Norte, as autoras Constância Lima Duarte e Diva Cunha Macedo foram responsáveis por um considerável número de produções acerca da vida e das obras de Nísia Floresta, entre elas: *Nísia Floresta – vida e obra*; *Carta de Nísia Floresta & Augusto Comte*; *Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil*; e a republicação de *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, de Nísia Floresta Brasileira Augusta. Mais informações, consultar: TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. P.401-442.

¹⁷ Como, por exemplo, *O Íris* (1875 – 1876), dirigido por Joaquim Fagundes e *O Sorriso* (1886), jornal literário produzido por Joaquim Cândido Pereira.

¹⁸ Identificamos jornalinhos produzidos quase que artesanalmente, a saber: *O Lyrio*, de Adelle de Oliveira de Ceará-Mirim; *O Batel*, o qual colaborava Maria das Mercês, em Mossoró; *A Esperança* (1903), redigido por Izaura Carrilho, Dolores Cavalcanti e outras; *A Infância e A Distração* (1909), produzidos na cidade de Caicó. Esses dois últimos periódicos eram organizados pelas senhoras da alta sociedade caicoense. E ainda: *Folha Nova* (1913), dirigido por Alexandrina Chaves na cidade de Macau; *O Alfabeta* (1917 – 1919), sob a direção de Maria Antônia de Moraes; *A Salinésia* (1926), criado por um grupo de jovens e apresentado oralmente no Teatro Moderno na cidade de Macau. Mais informações, consultar: DIVA CUNHA E CONSTANCIA LIMA. Op. Cit. p. 13;

Possivelmente, esta profusão de jornais inspirou o aparecimento da revista impressa *Via Láctea*. Identificamos algumas características sobre o periódico: possuía papel tamanho ofício, era dotado de oito páginas com duas colunas cada, quase não apresentava colunas fixas – o que pode indicar uma inconstância no que diz respeito às publicações –, e não possuía ilustrações, mas utilizava molduras em determinadas páginas a fim de delimitar os espaços das matérias que compunham a revista.

O periódico era mensalmente distribuído pela capital do Rio Grande do Norte e a forma de aquisição podia ser mediante a compra de um número avulso, ao custo de 400 contos de réis, ou por meio da assinatura – 3 mil contos de réis, para seis meses, e 1.500 contos de réis, para uma assinatura de três meses¹⁹. As aquisições podiam ser realizadas no endereço da redação do periódico na Rua Conceição, número 19 – do número 1 ao 4 – e, posteriormente, na Rua Vigário Bartolomeu – do número 5 ao 8. Ambos os endereços estavam situados no bairro Cidade Alta: região de importância comercial na cidade do Natal. Portanto, ao todo, circularam oito números da revista feminina, entre outubro de 1914 e junho de 1915.

O primeiro número da *Via Láctea* foi publicado no dia 1º de novembro de 1914. O corpo editorial da revista era formado pelas intelectuais Palmyra Wanderley, Carolina Wanderley, Stella Gonçalves, Maria da Penha, Joanita Gurgel, Anilda Vieira, Dulce Avelino e Stellita Melo²⁰. O primeiro número explica que a ideia de lançar o periódico veio da “febre do jornalismo que a cidade suspirava”²¹ e que o órgão era exclusivamente feminino, o que era raro na capital norte-rio-grandense. No primeiro número da revista, as editoras destacam o comprometimento com a educação e o interesse da mulher.

Os interesses da mulher, a partir da análise da *Via Láctea*, nos descortinam um leque de temas que constam desde já no subtítulo que o periódico levava: “religião, arte, ciência e letras”. De acordo com Constância Duarte, a diversidade da abrangência da revista refletia uma espécie de hierarquia entre os tópicos que privilegiava desde a religião católica às discussões no campo cultural²². O tema religião denuncia a imersão do pensamento em um universo estreitamente religioso ainda disciplinado pela Igreja Católica. O tema aparece em

¹⁹ PRAZERES, Armando Sérgio dos. **Via Láctea: um painel sobre o jornalismo feminino no Rio Grande do Norte**. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) – UFRN, Natal, 1996. P. 32.

²⁰ A partir do número 5, verificamos que é acrescentado ao corpo editorial Cordélia Silva e Maria Carolina Wanderley, apelida de de Sinhazinha Wanderley.

²¹ VIA LÁCTEA. Natal, 1 nov. 1914.

²² P. 61....

prosas e nas poesias do periódico. Já o tema ciência denuncia a preocupação com a educação de um modo geral, o que, possivelmente, chegou a gerar polêmicas, pois, de acordo com o pensamento da época, às mulheres deveria caber uma educação formal voltada exclusivamente para o desempenho das funções domésticas.

Na organização interna da revista, as atribuições eram distribuídas para cada moça responsável por este projeto. Ou seja, havia uma divisão das funções de editora, de redatoras e de colaboradoras, sendo Palmyra e Carolina Wanderley as editoras principais do periódico, a quem cabia funções de revisar e de selecionar o material destinado à publicação, além de serem responsáveis pela produção dos textos principais.

A revista *Via Láctea* estava aberta a colaborações. Bastava que a pessoa interessada em colaborar com o periódico enviasse a sua produção intelectual para a redação. Além disso, as editoras estabeleciam uma condição fundamental para as colaboradoras: que a identidade da autora deveria ser revelada ao corpo editorial, embora a mesma quisesse se ocultar em sua publicação utilizando um pseudônimo. Esta medida era necessária para garantir que a revista fosse escrita exclusivamente por mulheres, visto que, na época, era comum que escritores homens adotassem pseudônimos femininos²³.

Desde o primeiro número, a revista *Via Láctea* se mostra para o que veio. A produção cultural midiática exclusiva das mulheres potiguares buscava-se diferenciar dos temas publicados por homens, voltados ao público feminino. O que quer dizer que a revista desprezaria temas como, por exemplo, dicas culinárias, correio sentimental e conselhos de beleza²⁴. Assim, o programa da revista revela-se audaciosos, por tomar rumos diferentes e por questionar o modelo de mulher construído nas primeiras décadas do século XX.

O discurso do novo modelo de mulher “mãe-esposa-dona-de-casa” era respaldado na ideia de uma natureza feminina que dotava a mulher, biologicamente, para desempenhar as funções da esfera da vida privada, que se resumia em: gerar filhos, cuidar da casa e do seu marido. A proposta da *Via Láctea* tão logo despertou a insatisfação de alguns intelectuais do universo potiguar. Dois meses após o seu lançamento, em 08 de janeiro de 1915, o bacharel em direito Eloy de Souza, sob o pseudônimo de *Jacyntho Canela de Ferro*, teceu algumas considerações sobre o projeto de Palmyra Wanderley e amigas:

²³ Na produção intelectual norte-rio-grandense detectamos alguns escritores que faziam uso do pseudônimo feminino: Henrique Castriciano (Rosa Romariz), Ferreira Itajubá (Stella Romariz) e Segundo Wanderley (Abelha Mestra). Para mais informações, consultar: NONATO, Raimundo. Op. Cit.

²⁴ VIA LÁCTEA. Natal, 1º Nov. 1914.

Tivesse eu a fortuna de ter nascido mulher e a maior fortuna maior ainda de redigir a *Via Láctea*, o meu maior empenho seria recomendar-me para fazer um excelente casamento, escrevendo coisas interessantes sobre assuntos caseiros (...) Acho admirável a moça que escreve bem; mas a que escreve para tratar da melhor maneira de conservar a roupa branca ou a saúde do galinheiro, acho deliciosa. Entre as lamúrias de um soneto e a receita de um prato novo não há estômago de solteiro capaz de relutância insensatas²⁵.

O discurso de Eloy de Souza representa a reprovação ao programa defendido pelas mulheres da revista *Via Láctea*. Apesar da boa receptividade no universo jornalístico potiguar, o periódico, provavelmente, incomodou jornalistas e literatos da época. No discurso acima, Jacyntho Canela de Ferro exerce a dominação masculina na medida em que pretende pautar, em forma de conselho, os temas aos quais deveriam se limitar não apenas as moças de *Via Láctea*, mas qualquer mulher no ano de 1915.

As ideias burguesas consolidadas no século XIX e as ideias positivistas difundidas no século XX identificavam uma divisão quanto aos papéis que deveriam ser desempenhados pelos homens e pelas mulheres. Para os seguidores de Augusto Comte, o homem deveria ser aquele que tem que elevar seus espíritos humanos a fim de promover transformações nacionais, enquanto que a mulher deveria ser enaltecida por seu papel fundamental como educadora de uma geração por vir.

Segundo Rachel Soihet, para exercer o papel destinado por essa sociedade, a mulher deveria ser educada²⁶. No entanto, a proposta educacional destinada à mulher não visava a sua autonomia, a liberdade de decidir o seu destino, mas sim uma formação que internalizasse princípios que a possibilitasse de desempenhar papéis de esposa e de mãe. Isto é, a educação destinada à mulher era uma formação fundamental para a administração do lar e para a conquista de um casamento²⁷.

Quando Jacyntho Canela de Ferro sugere às colaboradoras de *Via Láctea* sobre o que elas “deveriam escrever”, exemplifica a maneira de como agia o discurso da época. O colunista propõe que elas escrevam sobre assuntos que devem ser de melhor entendimento das mulheres. Há uma incorporação de signos presente neste discurso sobre o que seriam as temáticas femininas. Há uma divisão: enquanto culinária, casamento, dicas de belezas são

²⁵ JACYNTHO. Aparas. *A Republica*. Natal, 08 jan. 1915.

²⁶ SOIHET, Rachel. *Feminismos e antifeminismos: mulheres e suas lutas pela conquista da cidadania plena*. p-24

²⁷ Idem, p-40-41

signos que compõe um universo feminino, a ciência, a religião, a arte, faria parte do âmbito masculino.

Alargando a nossa análise, podemos afirmar que existe no discurso de Jacyntho uma divisão de temáticas que podem compor o universo jornalístico. Assim, a divisão das temáticas jornalísticas entre “masculinas” e “femininas” reforçam os tipos de espaços que devem ser ocupados por esses indivíduos, respectivamente, o público e o privado. Em suma, a mulher que ocupa uma profissão extradoméstica – escrevendo para uma revista, por exemplo – ainda assim, deve se ocupar de temas ligados ao espaço privado, ao lar, ao seu ambiente, por excelência, doméstico. A reposta das mulheres de *Via Láctea*, aos conselhos de Jacyntho Canela de Ferro, veio no quarto número da revista feminina, publicado em janeiro de 1915:

O Jacyntho revoltou-se contra a VIA LÁCTEA, desde o título até a última pagina; nada se salvou na sua reprovação. É um desilludido, bem o prova! (...) A VIA LÁCTEA, no seu parecer, deveria chamar-se “Revista doméstica” ou “Gallinheiro”, “A Cosinheira”, um nome assim que sugerisse a Idea de um programma todo práctico. (...) Creia pois o Jacyntho que pregou muito bem, mas, qual um Baptista moderno, pregou no dezerto. Seria para elle de melhor êxito, externar a sua autorizada opinião ás **distinctas alumnas da Escola menageré** de onde sahirão, para o futuro, perfeitas donas de casa, capazes de lhe satisfazerem no seu grande amor aos bons pratos e aos gallinheiros (grifo nosso)²⁸.

O texto acima, intitulado de “Primeiras nuvens...” a fim de fazer alusão ao primeiro conflito enfrentado pela revista *Via Láctea*, foi escrito por Palmyra Wanderley sob o pseudônimo de Dinese²⁹. O anonimato e o pseudônimo possuem uma intenção em comum: a de retirar toda a responsabilidade daquele que escreve por meio de um sistema de despistamento. Na revista *Via Láctea*, por exemplo, todo conteúdo publicado está assinado por pseudônimos. Neste caso, identificamos uma especificidade por se tratar de um periódico exclusivo de mulheres.

A revista trazia textos, crônicas, ensaios, notas, contos, editoriais, em sua grande maioria. Curiosamente, a poesia – que ao lado do romance são gêneros considerados de preferência feminina – ficou em segundo lugar, isto é, identificamos poucos poemas no

²⁸ DINESE. PRIMEIRAS NUUVENS... *Via Láctea*. Natal, jan. 1915. p.2

²⁹ Palmyra Wanderley publicava seus textos nos periódicos potiguares, e de outros estados, utilizando alguns pseudônimos. Entre eles, conseguimos identificar: Mirthô, Li Lá, Martha Dolores, Masako, Angela Marialva, Dinese, Myriam. Para mais informações sobre pseudônimos e escritores potiguares, consultar: SILVA, Raimundo Nonato da. LAMARTINE, Osvaldo de Farias. *Pseudônimos e iniciais potiguares*. Natal: Fundação José Augusto, 1985.

periódico³⁰. Portanto, ao escreverem os mais variados tipos de gênero, o uso dos pseudônimos são justificados pela tentativa de preservar a si e aos familiares devido à exposição pública da mulher que, anos atrás, só poderia ocupar o espaço do lar. Desse modo, o anonimato foi usado para proteger tais mulheres, uma vez que a mulher que estuda, que pensa e que escreve, era objeto de crítica e de censura como, por exemplo, mostramos no texto escrito por Eloy de Souza – que também se utilizou de um anonimato para isso.

É preciso enfatizar um importante aspecto presente na resposta de Palmyra Wanderley aos conselhos de Jacyntho. No final de sua crítica à fala de Eloy de Souza, a escritora menciona uma “Escola menageré”. É necessário situar o leitor do significado do ano de 1915 para os habitantes da capital norte-rio-grandense. Não devemos esquecer que a revista *Via Láctea* surge exatamente no mesmo ano em que a cidade do Natal presencia a fundação da *Escola Doméstica de Natal*.

Em nível nacional, na década de 1910, afluíam os debates acerca da educação da mulher. Na cidade do Natal, entre os anos de 1911 a 1915, ocorreram palestras e conferências que versavam sobre tal assunto. As conferências proferidas por Henrique Castriciano (1911) e Alfredo Campos (1915), por exemplo, trataram acerca da condição da mulher na década de 1910 articulando-a à educação e ao seu papel no lar. A primeira palestra foi promovida no salão do *Natal-Club* na sessão de instalação da Liga de Ensino, criada em 23 de julho de 1911.

Na fundação da *Liga de Ensino*, em 23 de julho 1911, dias depois dos artigos no jornal oficial do estado, Castriciano declarou em seu discurso a importância da mulher no papel decisivo da educação humana, uma vez que o homem deve sair do âmbito familiar para a sociedade. O bacharel discursou em defesa da necessidade de uma formação cultural adequada à mulher, para que a mesma desempenhe essa tarefa³¹. Três anos depois da fundação da *Liga do Ensino*, foi fundada a *Escola Doméstica (1914)*. A última instituição mencionada, ao ser inaugurada na cidade, foi recepcionada com grande entusiasmo pela

³⁰ Apesar do segundo plano dedicado a poesia, a sua importância parece estar indicada pelo lugar de honra que ocupa nas páginas da revista. Nitidamente, a poesia ocupa sempre a primeira página dos números do periódico. A forma poética privilegiada pela revista era o soneto. Geralmente, aparecem quatro poemas nas oito páginas que compõem a *Via Láctea*. Em contrapartida, a pesar do pouco número de poemas, duas colunas eram fixas destinadas à publicação deste tipo de gênero: a “Caricaturas”, que trazia uma espécie de charada em versos construindo um retrato bem humorado de um rapaz da cidade potiguar identificado por meio das iniciais de seu nome – esta coluna é sempre assinada por Jandyra; e a coluna “Graça infantil” que, como o nome indica, tratava-se de poesias destinadas às crianças.

³¹ CASTRICIANO, Henrique. A Liga de Ensino do Rio Grande do Norte. In: ALBUQUERQUE, José Geraldo de. (Org.). *Henrique Castriciano - Seleta de textos e Poesias*. Op. Cit. p. 499.

sociedade natalense. Fundada em setembro de 1914, a *Escola Doméstica de Natal* se apoiava nos debates vigentes em torno da educação da mulher. A instituição, pensada por Henrique Castriciano – irmão de Eloy de Souza, a saber – prometia formar o modelo de mulher voltado para as funções da esfera da vida privada, isto é, garantir um bom casamento, gerar filhos, cuidar da casa e de seu esposo.

O programa de disciplinas da Escola Doméstica de Natal combinava um ensino prático e teórico³² sendo consoante aos modelos curriculares das escolas europeias e, cada vez mais, ganhava espaço na sociedade. Os acontecimentos na cidade do Natal, neste momento específico, provocavam debates sobre a educação feminina. Portanto, os debates travados com Eloy de Souza e com Henrique Castriciano, defensores do modelo de mulher recomendado pela *Escola Doméstica de Natal*, indicam que as escritoras da revista *Via Láctea* questionavam e reprovavam o tipo de ensino destinado à mulher, delatando a ausência de uma preocupação da cultura do espírito e da inteligência no ensino da mulher.

Os debates, instaurados por causa do incômodo que a revista feminina causava na época, denuncia o discurso pautado por explicações na medicina a fim de legitimar, por exemplo, o tipo de educação que deveria ser destinada à mulher. O discurso médico, no final do século XIX e início do século XX, caracteriza a mulher como: dotada de um senso moral deficiente, com tendência exagerada à vingança e ao ciúme, maternidade, frieza sexual e de menor inteligência³³. Já a mulher dotada de “forte inteligência” se revelariam extremamente perigosas, criminosas e incapazes da abnegação, da paciência e do altruísmo³⁴. Sendo assim, nas palavras de Rachel Soihet, a mulher intelectual constituía-se em um mau exemplo para outras, por isso a educação feminina deveria se limitar ao ensino das funções domésticas à mulher. Em hipótese alguma, o currículo de ensino da educação destinada à mulher deveria ser igual àquele destinado ao homem.

A construção de um modelo de mulher simbolizado pela mãe totalmente devotada a casa e a família resultou na completa desvalorização profissional, política e intelectual da mulher. De acordo com Margareth Rago, a desvalorização defendida por este discurso é imensa, porque “parte do pressuposto de que a mulher em si não é nada, de que deve esquecer-se deliberadamente de si mesma e realizar-se através dos êxitos dos filhos e do

³² As disciplinas da instituição eram as seguintes: cozinha prática e teórica, curso de alimentação, de leitura, lavagem de roupa, conserto de roupa, economia doméstica, corte e feitiço de vestuário, jardinagem, horticultura, química, botânica, física, anatomia, puericultura, medicina prática e higiene individual .

³³ SOIHET, Rachel. *Feminismos e antifeminismos*: Op cit. p. 44.

³⁴ Idem.

marido”³⁵. Desse modo, o discurso da revista *Via Láctea*, liderado por Palmyra Wanderley e sua prima, Carolina Wanderley, questiona o novo padrão de mulher “mãe-esposa-dona-de-casa” e propõe o modelo da mulher emancipada.

Os discursos em defesa da emancipação da mulher parecem ter ganhado fôlego nos números seguintes da revista *Via Láctea*. No quinto e sexto número, publicado em fevereiro e em março de 1915, as páginas da revista feminina traz um debate acerca de tal temática. No quinto número, Palmyra Wanderley, sob o pseudônimo de Ângela Marialva, escreve o artigo *A emancipação da mulher*. Curiosamente, o texto faz um diagnóstico acerca das consequências no futuro de uma mulher que deixa o lar e opta pelo caminho da profissionalização.

Ao decorrer do texto, Ângela Marialva tece algumas críticas sobre o discurso de emancipação da mulher no qual afirma que: Emancipar a mulher é atacar, destruir o que há de mais sólido, de mais santo na família. “Equiparar o direito político, social, da mulher ao homem é desthronal-a do reinado domestico”³⁶. Ângela Marialva ainda acrescenta em seus discursos as consequências que a emancipação da mulher poderia acarretar ao lar da família transformando-o em “uma anarquia completa. A casa entregue à direção dos criados, os filhos da mesma forma”³⁷. O texto assinado por Ângela Marialva e veiculado nas páginas de *Via Láctea* corrobora o discurso em torno da condição da mulher nas primeiras décadas do século XX: a rainha do lar. Como já mencionamos, a figura feminina é enaltecida como a fortaleza moral superior ao homem. Cabia a esta mulher gerir o lar porque a ela pertence ao âmbito privado, portanto a família era vista como o seu espaço prioritário, como “um teto todo seu”.

Mas por qual motivo Palmyra Wanderley teria escrito um artigo que afirma o discurso da época? À primeira vista, o texto *A emancipação da mulher* causou-nos uma estranheza. Contudo, no número seguinte – sexto número – da *Via Láctea*, a mesma autora assina o artigo *Pelo Feminismo*, sob o pseudônimo de Marta Dolores, que parece contestar o texto anterior. Marta Dolores não discorda que seja confiada somente à mulher a árdua missão de proporcionar a felicidade doméstica, de aperfeiçoar inteligências e de formar corações, no entanto:

Muitas existem, incapazes por natureza de dirigir bem uma casa, de confeccionar qualquer trabalho manual próprio do seu sexo, que olham com

³⁵ RAGO, Margareth. A colonização das mulheres. IN: _____. *Do cabaré ao lar*. São Paulo: UNICAMP, 1984. p.63

³⁶ Idem.

³⁷ Ibid, p. 8

desprezo um figurino, a quem não se interessam as criações da moda. Nas investigações e descobertas das ciencias, nas artes, na política, na litteratura, encontram, porem, tudo o que lhes satisfaça as aspirações. (...) A mulher pode ser funcionaria publica e dona de casa ao mesmo tempo. Si dedicar-se a uma profissão porque não tem inclinações para o casamento, e para a vida doméstica. Se, porem, quizer abranger os dois ramos, se tiver aptidões para cumprir uma dupla missão, falo-á com perfeição, sem que uma impossibilite a outra³⁸.

Em apenas um artigo, Palmyra Wanderley mostra que a mulher pode escolher o seu próprio caminho conforme as suas conveniências, seja ela por uma profissão, caso esta mulher não tenha inclinação para a vida doméstica, seja optando pela dupla missão, no entanto, sem causar prejuízos nem ao lar e nem à profissão. Sob o pseudônimo de Marta Dolores, a intelectual põe em xeque um leque de discursos que construíam o modelo de mulher vigente na época: as teorias biológicas sobre a mulher, que explicavam que via a mulher como sexo frágil e delicado; o tipo de educação destinado à mulher, que não ensina sobre política, ciência, entre outras temáticas limitadas ao ensino masculino; e as ideias que diferenciavam as capacidade intelectuais e físicas do homem e da mulher. Por fim, *Pelo feminismo*, questiona o título absoluto de rainha do lar e defende a mulher também passe a ocupar o espaço público.

Os dois discursos emitidos por uma mesma autora, Palmyra Wanderley, nos leva a refletir acerca da ideia de autoria em Michael de Foucault. Para Foucault, autoria não é, na realidade, um indivíduo no sentido comum do termo, mas sim uma composição, ou seja, uma espécie de função pela qual são ditas um certo número de significações. Portanto, não é o indivíduo que fala³⁹. As reflexões construídas por Michel Foucault nos leva a compreender o motivo por as duas falas, *A emancipação da mulher* e *Pelo feminismo*, terem sido escritas por Palmyra Wanderley. Entendemos que a jovem intelectual veiculou os dois artigos propositalmente com o objetivo de expor as posições conservadoras e progressistas existentes na sociedade para atrair atenção para esta causa, o que resultou na escrita do primeiro artigo. Em suma, enquanto o primeiro artigo veicula a defesa ao modelo “mãe-esposa-dona-de-casa”, o artigo *Pelo Feminismo* propõe qual seria a verdadeira emancipação da mulher, isto é, propõe um outro modelo de organização social mediante a igualdade entre sexos, o direito político e de profissionalização destinados à mulher.

A revista *Via Láctea* circulou apenas até junho de 1915. Mesmo diante de toda dificuldade, Palmyra e Carolina Wanderley reclamaram os direitos da mulher e, por meio dos

³⁸ DOLORES, Martha. Pelo feminismo. *Via Láctea*. Natal, mar. 1915. P- 5-6.

³⁹ FOUCAULT, Michel. O que é um autor? Conferência disponível em: http://fido.rockymedia.net/anthro/foucault_autor.pdf. Acessado em: 30 de março de 2015.

oito números de *Via Láctea*, reagiram contra a condição a que estavam submetidas. Ainda que o periódico chegasse ao fim, Palmyra Wanderley ainda continua fazendo ecoar o seu discurso em prol da emancipação da mulher nas páginas de outros periódicos da cidade do Natal.

Por meio de seus escritos na revista *Via Láctea* e em outros periódicos, a jovem escritora consegue estabelecer diálogos com seus leitores, principalmente, com as suas leitoras. A intelectual aposta, através de seus escritos, na perspectiva tanto de estimular a mulher a adentrar o universo intelectual, bem como de conscientizá-la dos direitos que possui e da condição machista na qual vive.

Buscamos aqui observar os exemplos de dominações masculinas, as imagens construídas sobre as mulheres da época, e as maneiras que essas mulheres, utilizando como ponto de observação a intelectual Palmyra Wanderley, resistia a esta condição de dominada. No entanto, descartamos a visão de uma ação unilateral do poder sobre os dominados passivos. Não acreditamos que há uma naturalização total desta relação, já que detectamos na escrita de Palmyra um tipo de resistência, de sutilezas engendradas criativamente contra esta condição de dominação.

Para Soihet, enquanto algumas mulheres se rebelaram abertamente contra suas condições, a maioria se valia de maneiras mais sutis na ânsia de subverter a sua situação. Para tanto, essas mulheres se utilizavam de táticas que lhes permitiram reempregar os signos de dominação, marcando uma resistência. Foi por meio da prática da escrita nas páginas da revista *Via Láctea* que essa resistência pode ser desenvolvida como táticas necessárias para desvendar as sutilezas engendradas de forma criativa pelos dominados, com vistas a reagir à opressão que sobre eles incidem⁴⁰.

Sendo assim, Palmyra Wanderley reage às opressões de sua época, na medida em que consegue ocupar o espaço público jornalístico e social, que por muito tempo era negado às mulheres, e estabelece uma comunicação com outras mulheres. Um dos grandes méritos de Palmyra Wanderley foi o de abrir, e defender, espaço para que as mulheres norte-rio-grandenses pudessem divulgar os seus escritos, além de propagandear, por meio de seus textos, as ideias sobre a emancipação feminina. No entanto, a participação da mulher potiguar no espaço público acaba se revelando conflitante.

Com um pensamento diferente daquele propagado na década de 1910, as ideias de emancipação feminina apontavam para o movimento feminista que ganharia força na década

⁴⁰ DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano – Artes de fazer* (1). Petrópolis: vozes, 2011. P. 41

seguinte (1920). Contudo, Palmyra Wanderley pareceu-nos preconizar, assim como Nísia Floresta, as ideias feministas que seriam responsáveis por algumas conquistas nos anos seguintes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRAIS, Raimundo *et. al.* *Corpo e alma da cidade do Natal entre 1900 a 1930*. Natal: EDUFRN, 2008. p. 27.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005.
- BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. São Paulo: José Olympio, 2008. p. 32.
- CARVALHO, Isabel Cristine de Macedo. *Sutilezas femininas de Palmyra Wanderley*. Natal: EDunP, 2012.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *História da cidade do Natal*. Natal: Fundação José Augusto, 1989.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano – Artes de fazer (1)*. Petrópolis: vozes, 2011. P. 41
- LOURO, Guacira Lopes. *Mulher na sala de aula*. IN: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1997. P – 443-481.
- PRAZERES, Armando Sérgio dos. **Via Láctea: um painel sobre o jornalismo feminino no Rio Grande do Norte**. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) – UFRN, Natal, 1996. P. 32.
- SIRINELI, Jean François. *Os intelectuais*. In: REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2011.
- SOIHET, Rachel. *Feminismos e antifeminismo: mulheres e suas lutas pela conquista da cidadania plena*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.
- RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar*. São Paulo: UNICAMP, 1984. p.63
- TELLES, Norma. *Escritoras, escritas, escrituras*. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. P.401-442.
- WANDERLEY, Ezequiel. *Poetas do Rio Grande do Norte*. Natal: Fundação José Augusto, 1984.